

# BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. "MELLO LEITÃO"

SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

---

SÉRIE: ZOOLOGIA — N 65 — 26/9/1973

---

Algumas observações sobre:

**AUGASTES GEOFFROYI ALBOGULARIS** Gould, 1851

**Augusto Ruschi**  
Museu Nacional

*Schistes albogularis* Gould, in Jardine's Contr. Orn., 1851, p. 140.

**NOME LOCAL:** QUINDE REAL. COLIBRI PICO DE CUNA. PLOMBO.

**NOME INGLÊS:** GREEN VISORBEARER.

**DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA:** Zona Sub-Tropical oeste Andina e lado oeste dos Andes centrais da Colômbia e do Equador. Na COLOMBIA: Zancudo, Miraflores, Caldas, Lomitas, La Cumbre. San Antonio, Ricuarte, Perlasivi, Antioquia, Alto de las Cruces, Cartagena e Cauca. EQUADOR: Gualea e Gualaquiza.

**CARACTERÍSTICAS:** Comprimento 98mm. Bico 17mm. Peso 3,7grs. Temperatura 41,5°C. Vibrações de aza 30p.s. Dimensões e peso dos ovos: 14,2x9,3mm. 0,52grs. Dimorfismo sexual bastante diferenciado.

**HABITAT:** Scrub e Savana da Zona Sub-Tropical oeste Andina e Leste dos Andes centrais da Colômbia e Equador.

**MIGRAÇÃO:** Pequena migratória.

**BIOTOPOS PARA:** NIDIFICAÇÃO, BANHO, CANTO, DESCANSO, PARADA NUPCIAL e DORMIR.

Constrói seu ninho nas savanas e scrub dos Andes, em ramo horizontal a uma altura de 1 a 2ms. de altura do solo; seu ninho é do terceiro Tipo da classificação de A. Ruschi, sendo confeccionado de material macilento, e as paredes externas possuem alguns líquenes cinza-esverdeados, fixados com teia de aranha; a paina usada é de sementes de Bromeliáceas, de Cactáceas e de Gramíneas, etc. Só a fêmea trabalha no ninho, incuba a postura e cuida da prole. A incubação dura 15-16 dias e a prole deixa o ninho com 20-22 dias. O banho é típico para todos os representantes desse Gênero; é tomado em poças de água muito límpida, nos córregos, e não fazem imersão total em mergulho como as demais espécies que tomam banho de imersão, pois ele abrida a cauda em leque, esquia na água, pousando a cauda aberta sobre a mesma e em vôo, vai avançando e assim por algumas vezes sai da água, para voltar e além da cauda a esquiar, já também pousa com parte do corpo na mesma e os respingos saltitam, graças as azas que tocam o líquido; após várias vezes esse proceder, sai para um pouso onde vai realizar a higiene da plumagem. O canto é em *Augastes geoffroyi albogularis*, muito variado e bastante sonoro, como acontece com as demais espécies do Gênero, seu canto de alarme é também evidenciado por um típico: tchê, tchê, mais suave do que na espécie precedente. No local de pouso para descanso é que melhor modula a variação de todo seu canto, que além de chilreado possui um fraseado intercalado de assoviros; também ali costuma tomar seu banho de sol, exibindo com o eriçar das

coberteiras do pescoço e mento, bem como voltando a cabeça para o alto e distendendo a cauda de um lado, entreaberta até metade, para depois ao inverter as posições, fazê-lo também de igual forma de modo que os raios solares lhe possam atingir a todo o corpo. Para o sono noturno, vão dormir em local muito abrigado, pois quando estão em estado de torpor, graças a rigidez muscular dos pés, não se desagarram mesmo que ocorra a noite um forte vendaval. A parada nupcial, também nesta espécie é rica de movimento nas fases de apresentação e exibição de plumagem; exatamente ocorre como em *Augastes scutatus scutatus*, os mesmo lances de perseguição da fêmea, forçando-a a pousar e seguindo-se o vôo de libração do macho em sua frente e exibindo-lhe a gravata em avanço e também os tufos laterais, com a cauda aberta em leque e ainda o canto insistente: tché, tché, tché... e a fêmea amedrontada voa e pouisa em outro ponto mais seguro, para voltar a ser galanteada pelo macho e este já agora como se deseja-se circunda-la e mesmo fazendo menção com o bico quase a tocar-lhe as faces, abre-o, segue com canto e com a mesma repetição de mostragem da plumagem iridescente, até que consegue a atração e o consentimento da fêmea, para a ultima fase, que é expressa pelo movimento denunciador da fêmea.

**RECONHECIMENTO EM SEU HABITAT:** Muitas espécies de outros Gêneros vivem no mesmo habitat desta espécie, mas, o seu canto bem diferenciado e constante, logo o denuncia e nos leva ao seu encontro; após o que se torna patente, pois só ele possui uma gravata verde iridescente, com lados de maculas brancas e por traz azul e negro.

**OBSERVAÇÕES:** na vegetação cerrada de *Verbenáceas*, com flores azuis do Gênero *Stachytarpheta*, serão logo encontrado em maior número do que outra qualquer espécie de beija-flor, pois são muitos que apreciam o nectar dessas flores. Ainda em flores de *Bromeliáceas*, dos Gêneros: *Dyckia*, *Billbergia*, *Vriesea*, algumas *Cactáceas* e em flores de *Vochysia* sp. pude observá-la. Publicamos alguns trabalhos a respeito das espécies do Gênero *Augastes*, e inclusive a fusão das espécies anteriormente situadas no Gênero *Schistes*, como era o caso da presente, partio de estudos em seus habitats dos Andes, e das regiões das Serras da Mantiqueira e Chapada Diamantina no Brasil, pois a morfologia externa que procedi em todas as espécies e subespécies, não trouxe nada que os pudesse separá-los em diferentes Gêneros, a evidência ainda do comportamento de todas as espécies, tão semelhantes, como a nidificação, os Biotopos para banho, canto, descanso, etc... foram mais do que suficientes para agrupá-los e dar prioridade por questões de Taxonomia e Regras de Nomenclatura ao Gênero prioritário, no caso *AUGASTES*. Uma questão sempre ocorreu com as espécies da Família *Trochilidae*, pois normalmente as espécies dos Andes Ocidentais, tem subespécies nos Andes Orientais e vice-versa, mas, no século passado, bastava que um Gênero Andino, embora tivesse essa representação de um e outro lado, ou com espécies ou subespécies, quando ocorria um caso como esse em área tão longínqua, logo era criado para ela um novo Gênero; foi o ocorrido com *Schistes* dos Andes e *Augastes* do Brasil. Acontece entretanto, que os nossos trabalhos intensos nesses últimos quarenta anos, percorrendo todas as regiões das Americas, nos abriram campos de observações bem diversos. Pois, especialmente nas Serras centrais do Brasil, bem longe das áreas de espécies dos Andes, como as representantes dos Tatepui Venezuelanos, onde *Campylopterus* e *Colibri*, só ali se encontram, e no Brasil, na Hileia, fora da região Andina, só uma espécie de *Campylopterus* existe, com várias subespécies e nenhuma espécie de *Colibri*, mas nas Serras da Chapada Diamantina, em Minas Gerais, justamente nas localidades onde encontrei as espécies de *Augastes*, também encontrei uma subespécie de *Campylopterus*, muito longe da Amazonia e dos Andes, e ali também assinala a presença de duas espécies de Gênero *Colibri*: *Colibri serrirostris* e *Colibri delphinae greenewalti*, justamente como ocorre com a região de Tatepui da Venezuela; essa problemática de espécie alopatricas com o caso do Gênero

AUGASTES e das espécies simpátricas, entre representantes dos Gêneros *Campylopterus* e *Colibri*, nos deixam evidente o que ocorre em relação a fauna da Família TROCHILIDAE. O exemplar macho da foto da página do livro de C. H. Greenewalt, se apresenta em voo de liberação, como se chega para a fase de exibição de plumagem diante da fêmea; a sua pele se acha incorporada a coleção do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão sob nr. 4666.

### SUMMARY

In the present paper the author describes some observations of biology of the hummingbird *Augastes geoffroy albogularis* Gould, 1851 and studied in their natural habitat in South America. Describes some observations of the Behavior in: Nuptial displays, nesting, wing, beat rate p. sec., weight, temperature, whashing, sleeping, migration, reconections in your habitat and the principals visited flowers. studied in natural habitat in South America.

### BIBLIOGRAFIA

- 1 — Greenewalt, C. H. 1960 — Hummingbirds. Estampa nr. 32
- 2 — Greenewalt, C. H. e Ruschi, A. 1962 — Dimensional Relationships for flying Animals, Smithsonian Miscelaneous Collecticns Vol. 144 nr. 2 pgs. 31-32.
- 4 — Ruschi, A. 1967 — Beija-flores das matas, dos Scrubs, das Savanas, dos Campcs e Grasslands do Brasil, e a sua Zoogeografia. Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão Ser. Biol. nr. 51 c. um mapa.
- 5 — Peters, J. L. 1955 — Check List of Birds of the world Vol. 5.
- 6 — Ruschi, A. 1969 — Chaves analíticas e artificiais para a determinação dos Gêneros e espécies de Beija-flores do Brasil, com resumida descrição. Bol. Mus. Biol. M. Leitão, Série Divulg. nr. 1 pgs. 1-28 com 7 pranchas e 47 desenhos a nankin.